

## A Importância da Crônica Esportiva Brasileira para o Futebol<sup>1</sup>

Philipi Accete Nicácio PLÁCIDO<sup>2</sup>  
Lídia Maria Marinho da Pureza RAMIRES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### RESUMO

A crônica é um gênero literário importado da França que encontrou no Brasil um campo fértil para crescer e o futebol é um esporte bretão que chegou no país no fim do século XIX, e se tornou uma referência mundial. A junção desses dois fenômenos (um literário e outro esportivo) foi um tanto benéfico para ambos. Por causa da crônica e dos cronistas, o futebol teve um apoio para se manter atuando mesmo sem tanto investimento. Além disso, os cronistas ajudaram na propagação de um esporte que era considerado de operários. Hoje no Brasil é o esporte que mais movimenta dinheiro e pessoas. Os cronistas nas figuras de Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira criaram um folclore por trás do futebol que permitiu que ele fosse mais que um esporte. O objetivo é tentar explicar como se deu a importância da crônica para o futebol e de seus principais cronistas para o futebol. Para isso foi necessário ler textos da origem da crônica, do início e do crescimento do futebol e associando as duas trajetórias, sem esquecer dos principais cronistas de futebol do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Crônica esportiva; Cronistas; Esporte; Futebol.

### INTRODUÇÃO

O futebol é considerado o esporte mais popular do Brasil, apesar de seu início não ter sido tão acolhedor pela imprensa e pelo povo. No começo do século XX, o futebol ainda era um esporte que operários jogavam e não tinha tanto apelo midiático no Brasil. Ao longo do tempo, o cenário foi mudando e uma das peças mais importantes do crescimento do futebol foram os chamados cronistas esportivos, com seus textos escritos de forma poética, que encantavam os leitores. Por causa deles, muitas narrativas foram criadas, eternizadas e até exportadas, como, por exemplo, o folclore do futebol.

Em um primeiro momento, os cronistas se mantiveram alheios do futebol, dando mais destaque ao remo e outros esportes mais elitizados. Naquela época, existia uma exaltação ao corpo perfeito e os remadores entravam neste padrão físico. O esporte era visto como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: [accete@gmail.com](mailto:accete@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: [lidia.ramires@ichca.ufal.br](mailto:lidia.ramires@ichca.ufal.br);

sinônimo de saúde e o remo passava essa sensação, por isso que se dava um maior destaque na cobertura deste esporte.

Um dos destaques para o crescimento do futebol no Brasil foi a Associação de Cronistas Desportivos (ACD), fundada em 1917, que mesmo em um período amador, conseguiu apoio governamental. A ACD, com ajuda de patrocínio e de organização de torneio deu suporte ao esporte até se profissionalizarem.

O presente artigo tem o intuito de apresentar três grandes cronistas que, na visão dos principais especialistas do jornalismo esportivo, tiveram um papel de importância para o futebol, cada um em sua época. São eles: Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira. Mário Filho, por ser um revolucionário na forma de escrever crônicas esportivas. Seu estilo menos rebuscado ajudou na popularização do esporte entre a elite e permitiu que a classe operária lesse crônicas com mais frequência. Nelson Rodrigues, com a continuação do trabalho de Mário Filho e na consolidação do estilo e do futebol como inerente ao brasileiro. Nelson conseguiu criar narrativas que são consideradas parte do folclore brasileiro até hoje. E, Armando Nogueira, por fazer continuar forte e inovador, mesmo com o advento da televisão e em um momento com poucos cronistas em evidência.

Apesar, do jornalista e contista Olavo Bilac e o escritor Machado de Assis já escreverem sobre regatas e turfe, Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira foram considerados, por jornalistas e especialistas, os melhores quando se tratava da crônica no Futebol. Esses cronistas são jornalistas que acompanhavam os esportes e usavam a crônica, com todo o seu tom ficcional e romantizado para dar mais vida em uma cobertura que até então era muito fria.

Os cronistas foram considerados importantes na abordagem do futebol por vários ângulos. Romantizando, fazendo análises e analogias com política, criando heróis e vilões, explicando rivalidades e as essências que envolviam o esporte e, além de tudo, transformando tudo em um grande espetáculo.

A evolução da crônica pautou tantos outros jornalistas esportivos que a própria editoria de esportes hoje em dia se difere demais de outras seções. É possível afirmar que hoje a editoria de “Esporte”, presente nas redações, crônicas e mesas redondas, é vista como entretenimento ao invés de jornalismo. E a crônica em seu auge tem papel fundamental nessa transformação.

Este trabalho pretende também relembrar um pouco o início do futebol e da crônica, ambos com um começo sem prestígio, e explanar o papel dos cronistas, que com um estilo literário importado da França, acreditaram em um esporte também importado da Inglaterra e

ajudaram na popularização massiva do futebol e na transformação do Brasil no país do futebol. É importante resgatar o passado para dar mérito a quem foi fundamental para o crescimento do esporte.

## CRÔNICA NO BRASIL

A palavra “Crônica” vem do latim *chronica* e era usado para registrar eventos em ordem temporal ou cronológica, normalmente do cotidiano. Resumindo, um relato cronológico de acontecimentos. No século XIX, a crônica começou a ser introduzida nos jornais impressos da França.

Segundo Costa; Neto; Soares (2007), a crônica é um gênero literário de assunto livre, não muito longo e que pode ou não abordar vários assuntos, principalmente sobre o cotidiano. A crônica brasileira se inspirou bastante nos folhetins franceses no século XIX, mas se destacou de forma tão diferente que muitos estudiosos diziam que surgia um novo gênero brasileiro. Como, na época, o Rio de Janeiro era a capital e centro cultural do Brasil, era natural que características cariocas fossem introduzidas ao novo método de contar o cotidiano.

Naturalização essa que, para Moisés (1982), foi conseguida pelas profundas transformações promovidas pelos escritores brasileiros, sobretudo os cariocas, não só pela qualidade dos cronistas, mas também pela quantidade e pela constância com que publicavam. O Rio de Janeiro, quando a crônica ganha força no início do Séc. XX, era a capital da República e um palco central de acontecimentos. (COSTA, 2007, p. 17).

O Rio de Janeiro, como centro efervescente cultural e no meio de um período de mudanças que existia na década de 30, acabou sendo um campo fértil para mudanças, fossem elas sociais, culturais e econômicas. E na literatura, a crônica já era bastante utilizada quando se tratava de esportes. Mas era de maneira bem mais rebuscada e costumava tratar apenas dos esportes mais elitizados.

Sempre existiram formas diferentes de escrever crônicas, tanto que era possível fazer crônicas jornalísticas ou poéticas. A crônica era mais temporal, se assemelhando às colunas. Já as poéticas se assemelhavam aos contos, exceto por serem menores em tamanho e por possuir uma intensidade um pouco mais leve.

Escritores como Machado de Assis e Olavo Bilac, renomados na época, já escreviam crônicas esportivas, principalmente sobre os esportes mais elitistas daquele tempo: o turfe e as regatas. O turfe é o esporte cujo processo de treinamento, competição e apostas são voltadas

às tradicionais corridas de cavalo. Os “jóqueis clubes” da época eram arenas que recebiam sempre aristocratas e a alta sociedade do Rio de Janeiro. Já as regatas eram competições que mobilizavam as orlas das lagoas.

Os remadores com um porte físico invejável chamavam atenção em suas competições. Isso era tão explícito na época que, em um determinado momento, todas as praias do Rio de Janeiro possuíam um clube de regatas. Machado de Assis e Olavo Bilac colocavam os cavaleiros, cavalos e remadores no mesmo patamar que heróis.

Sugeria, na oportunidade, que, pelas crônicas, poderíamos perceber o quanto de força e representação o esporte já angariava na sociedade do Rio de Janeiro de então. Mas por que isso pode ser tão percebido nas crônicas? Por que escritores, como Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e outros, dedicaram parte de seu tempo a tratar e mostrar a interferência dessa forma de expressão no contexto urbano de cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo? (LUCENA, 2003, p. 161)

Entretanto, com o surgimento do futebol no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, as crônicas cotidianas ganharam mais um tema a ser tratado, bastando apenas surgir alguém que explorasse bem o gênero.

## **A EVOLUÇÃO DA CRÔNICA NO BRASIL**

Ao longo do tempo, surgiram alguns bons cronistas – João do Rio, Rubem Braga, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade – que serviram para a consolidação da crônica como gênero, cada um com sua forma de escrita e estilo diferentes. A quantidade de cronistas e o grande uso de figuras de linguagem foram ingredientes que transformaram um gênero literário francês em uma ferramenta que cresceu de forma conjunta com o futebol brasileiro.

A profissionalização do futebol coincidiu com a Era Vargas (1930-1945) e com a consolidação da crônica futebolística. O perfil nacionalista de Vargas foi um dos fatores que contribuíram para o crescimento do futebol em todo o Brasil. Há registros de vários casos de doações e concessões feitas pelo governo para os clubes, e os canais de mídia com jornalismo e cobertura dos jogos também acompanharam a mesma onda, além de investir cada vez mais no setor esportivo.

O desenvolvimento do esporte fez a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes, antes considerada um ofício para iniciantes, uma escola para os novos profissionais da imprensa, com a evolução do esporte e a especialização

profissional, mudou o conceito acerca do esporte e reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras, devia conhecer história, personagens, fatos, evolução dos tempos, implicação cultural e social. (COSTA; NETO; SOARES, 2007, p. 20).

Lucena (2009) explicou que o crescimento do futebol na imprensa aconteceu de forma gradual e constante. Isso criou, inclusive, uma linguagem específica para as crônicas esportivas.

Não demorou muito para que o esporte ganhasse, dia-a-dia, mais espaço no gosto popular e com isso também mais atenção daqueles que escreviam sobre coisas simples do cotidiano. As crônicas sobre o esporte, e em especial sobre o futebol, passaram a ser crônicas esportivas, num exemplo claro da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica. (LUCENA, 2003, p. 167).

A crônica acompanhou o futebol em popularidade. A inovação que os cronistas causaram em suas maneiras de retratar o cotidiano do futebol ajudou na popularização do esporte. Os jornalistas que cobriam os esportes e os cronistas não tinham tanto prestígio. Isso era tão presente que a editoria de esportes funcionava como um estágio, uma preparação para as editorias mais importantes. Com o passar do tempo, quem cobria a editoria de esporte passou a ter mais respeito e assim foram sendo cada vez mais pressionados a fazer um bom trabalho. Para que isso ocorresse foi preciso se destacar dos demais, fosse com a escrita ou com a qualidade da informação apurada.

O período de crescimento da crônica esportiva estava intrinsicamente ligado ao crescimento do futebol. Enquanto o futebol se profissionalizava na década de 30, a crônica esportiva também crescia. Sempre que um jogo acontecia, era natural que os cronistas fizessem textos explicando regras, o contexto do confronto, e romantizassem conquistas e derrotas. Com isso, os cronistas cativavam os leitores, além de ensinar um novo esporte.

Por mais que existissem cronistas cobrindo remo e turfe, as crônicas de futebol foram se colocando em um patamar de alta popularidade. Parecia que o futebol estava em um estágio diferente dos demais, o que é corroborado pela forma diferente que a mídia faz cobertura do futebol e de outros esportes. Remo e turfe foram sendo deixados de lado para um novo fenômeno que passava a movimentar multidões, e os cronistas devem ter sentido essa transição.

Em 1900, período em que o remo e o turfe eram os esportes elitizados da época, o estilo literário predominante era o parnasianismo, por meio de uma linguagem rebuscada, com

sua figura principal representada por Olavo Bilac. Nesse caso, para os esportes da elite, que possuía mais escolaridade, talvez funcionasse. Ou talvez fosse até mais uma forma de segregar os esportes, assim, apenas a aristocracia conseguiria ler as crônicas.

Tudo isso explica porque o futebol, que em seu início era um esporte sem tanto prestígio, não chamava a atenção entre os jornalistas e cronistas. O estilo já consolidado na época não serviria para o público que acompanhava o futebol. Não havia motivo para escritores escreverem sobre um esporte sendo que ninguém ia ler, fosse por desinteresse ou por não conseguir. Por isso, precisava existir algum cronista que fizesse uma ligação da crônica esportiva com o futebol, de forma que desse a ele um *status*<sup>4</sup> de esporte que valesse a pena ser acompanhado.

## PRINCIPAIS CRONISTAS ESPORTIVOS

Na história da crônica esportiva há muitos nomes que tiveram sua projeção nacional, embora poucos são aqueles que tiveram um papel mais fundamental e pioneiro. No presente trabalho, foram escolhidos os três considerados como pilares fundamentais para o avanço do futebol e da crônica. Mário Filho, um revolucionário na maneira de tratar o futebol nas crônicas, usando a linguagem dos torcedores em vez de rebuscamentos. Nelson Rodrigues, irmão de Mário, que ajudou não só na consolidação, mas também na exportação do futebol brasileiro, sendo considerado por muitos especialistas o maior cronista esportivo que o Brasil já teve. E Armando Nogueira, que fez a transição das crônicas escritas e radiofônicas para a televisão, o que proporcionou também uma nova forma de contar histórias no esporte, dessa vez com imagens.

Os três cronistas têm em comum a arte de relacionar um jogo de futebol com a vida cotidiana do brasileiro.

Outro ponto comum nos cronistas se encontra na percepção de que relações criadas pelo futebol extrapolam o ambiente esportivo e passam a avaliar a própria sociedade e suas instituições. Eles percebem que as vitórias e as derrotas da Seleção Brasileira, em especial durante as Copas do Mundo, criam discursos antagônicos em relação às percepções que o brasileiro tem de si mesmo. (BORGES, 2006, p. 158).

---

<sup>4</sup> Segundo o dicionário Aurélio, significa: situação ou posição hierárquica num grupo ou numa organização e que implica determinados direitos e obrigações; prestígio ou distinção social.

A humanização do esporte e a reflexão antropológica e sociológica foram realizadas com frequência entre os cronistas esportivos, inclusive pelos três citados neste trabalho.

## **Mário Filho**

Mário Leite Rodrigues Filho, ou Mário Filho, era um jornalista de Pernambuco que com seu estilo conseguiu reinventar a forma de contar o futebol, sendo fundamental para a sua ascensão de patamar na pirâmide dos esportes no Brasil. Mário Filho se destacou mais pela simplicidade, revolucionando a crônica esportiva.

Costa; Neto; Soares (2007) cita que Mario Filho trouxe uma nova forma de escrita, um estilo mais simples, sepultando a escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos. Ele seria a referência do nascimento da crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, a respeitabilidade ao ofício da crônica.

Trabalhando para os jornais de seu pai, “A Manhã” (1926) e o “Crítica” (1930), Mário Filho desbravou e se jogou no jornalismo esportivo, um ramo pouco explorado e sem tanto prestígio, na época. Nesses jornais, fugiu totalmente do padrão que era considerado o correto de se fazer o jornalismo esportivo e revolucionou a forma como o pré-jogo e o pós-jogo eram contados. O padrão era regado a muitas palavras rebuscadas, analogias com mitologias gregas e fatos históricos, que nem sempre eram de conhecimento geral. No novo modelo, os jogadores e as partidas ganharam mais vida e humanidade por causa dos textos mais diretos e mais fáceis de relacionar com a vida real. Sem a linguagem rebuscada e com um estilo mais conciso, é possível afirmar que Mário Filho se aproximou o máximo da realidade dos torcedores, o que tornava seus textos mais fáceis e prazerosos de serem lidos.

Além desses trabalhos, Mário Filho também fundou em 1931 o jornal “O Mundo Sportivo”, que é considerado o primeiro jornal dedicado integralmente aos esportes no Brasil, embora, suas tiragens duraram pouco tempo e no mesmo ano o jornal parou de circular. Logo após, Mário Filho se mudou para “O Globo”, onde transportou seu estilo e talento para falar de futebol e manteve seu viés surgido ainda no jornal de seu pai.

Em 1947, Mário Filho ajudou na criação dos Jogos da Primavera. Além desse, apoiou os Jogos Infantis em 1951, o Torneio de Pelada no Aterro do Flamengo em 1966 – que atualmente tem modelo parecido com os campeonatos amadores de várzea –, e o Torneio Rio-São Paulo – um predecessor do Campeonato Brasileiro – em 1933, embora só tenha passado a ser disputado anualmente a partir de 1950.

Mesmo escolhendo o futebol como seu esporte favorito, é importante ressaltar que Mário Filho também falava sobre outros esportes. As elitizadas regatas e o aristocrático turfe recebiam atenção apaixonada do cronista, tornando-os mais acessíveis ao povão, apesar da massa já estar mais ligada no futebol.

A respeitabilidade da importância de Mário Filho para o futebol brasileiro foi e ainda é tão grande, que um estádio icônico do país tem seu nome. Utilizado na Copa do Mundo de 1950, o Maracanã recebeu o nome de Estádio Jornalista Mário Filho após a morte do cronista, em 1966. Antes de sua morte, o estádio era chamado apenas de Maracanã, pois ele se localizava no bairro Maracanã na zona norte do Rio de Janeiro.

Antes de falecer, o cronista foi um defensor da construção do estádio, enquanto discutia-se sobre a construção do estádio em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, Mário Filho convenceu a opinião pública de que o estádio deveria ser construído no terreno do antigo Derby Club, no bairro do Maracanã. Em uma briga contra o vereador e jornalista Carlos Lacerda, Mário Filho conseguiu mudar a localização da construção do estádio de Jacarepaguá para uma região mais central. Além disso, disse que o estádio deveria ser o maior do mundo, com capacidade para 150 mil torcedores, a fim de impressionar na Copa do Mundo de 50 e passar a imagem do Brasil como sendo o país do futebol. Mário também acreditava que teria pautas mais interessantes para suas crônicas e textos.

O Maracanã foi personagem em várias crônicas de Mário Filho. Ele era considerado um ser vivo, que tinha não apenas vida própria, mas que possuía alma também, que foi se criando com os recordes de público, chegando a 199.854 torcedores na final da Copa de 50, entre Brasil e Uruguai. Com as reformas e remodelagens feitas ao longo dos anos, o Maracanã foi encolhendo e possui, atualmente, capacidade para apenas cerca de 78 mil torcedores.

A partir do papel exercido pelos cronistas, é interessante perceber como o Maracanã, mesmo após a derrota do Brasil para o Uruguai (episódio conhecido como Maracanazo), continuou sendo considerado um templo sagrado do futebol. Mesmo com a infâmia, segundo entrevistas e reportagens veiculadas frequentemente com os jogadores e treinadores de futebol, o sonho de grande parte deles sempre foi jogar em um Maracanã lotado. Ver a importância de um cronista e jornalista como Mário Filho, que pressionou entidades governamentais para que um estádio grandioso fosse construído, é observar o grau de prestígio que ele tinha dentro do meio político e do futebol.

Apesar de ter começado na literatura escrevendo romances de ficção, mudou o foco para escrever livros sobre futebol, que era sua verdadeira paixão. Mário Filho também teve papel importante para tratar assuntos como O negro no Futebol Brasileiro (1947). Retratou

histórias do time mais popular na época e seu time do coração em Histórias do Flamengo (1934), além de romantizar outros momentos do esporte, inclusive de Edson Arantes do Nascimento (Pelé), considerado o Rei do Futebol.

### **Nelson Rodrigues**

Nelson Falcão Rodrigues, um dos dramaturgos e teatrólogos mais influentes do Brasil. É irmão de Mário Filho e despertou o desejo pela escrita sobre os esportes apenas próximo do falecimento do irmão. Embora, junto com Mário, também seja considerado, por especialistas e jornalistas da área, como o melhor cronista esportivo que o Brasil já teve. Também pernambucano, se mudou ainda jovem para o Rio de Janeiro, após seu pai, o político e jornalista, Mário Rodrigues ser perseguido politicamente em Recife. Desde cedo, trabalhou no primeiro jornal de seu pai, o “A Manhã”, como repórter policial.

Foi no “A Manhã” que Nelson despontou como um dos maiores cronistas esportivos. Nelson Rodrigues era um tricolor doente e começou escrevendo textos antológicos sobre seu time do coração, o Fluminense. No “Jornal dos Sports”, junto com Mário Filho, ajudou na construção do folclore do futebol, em torno principalmente, da rivalidade entre Flamengo e Fluminense. É por causa dessa Era de Ouro do cronismo esportivo que muitas pessoas fora do Brasil reconhecem o clássico FlaXFlu no Maracanã como uma representação do futebol brasileiro.

Além de tratar de futebol, Nelson permitiu reflexões que foram além da bola em campo, e tratava também do social em suas crônicas. Ricalde disse que:

Os irmãos Rodrigues, Mário e Nelson, foram os maiores incentivadores da crônica esportiva no Brasil e do próprio futebol brasileiro. Nelson usou seu espaço privilegiado no jornal para divulgar e debater questões referentes não só ao futebol, mas também ao ser humano e ao Brasil. (RICALDE, 2007, p. 55).

A transformação de meros jogadores em heróis dignos de uma saga de Ilíada feita por Nelson cativou e continuou se diferenciando da maioria dos jornalistas que cobriam friamente o dia-a-dia dos clubes e suas partidas.

O drama humano é abordado pelo cronista-dramaturgo de modo muito particular em seus textos, onde elementos banais ganham feições sobrenaturais, homens aparentemente comuns são transformados em reis e heróis, e através de um time verifica-se o caráter de um povo. [...] Garrincha

parece um personagem dionisíaco, pura malícia e humor, capaz de fazer rir até a torcida adversária com seus dribles. Pelé, vestido em trajes reais, é rei desde os 17 anos... E o futebol passa a ser o espelho em que o brasileiro reconhece sua própria identidade, que vai do complexo de vira-latas ao orgulho de campeão. (RICALDE, 2007, p. 55-56).

Nelson morreu em 1980 no Rio de Janeiro e deixou um legado com seus romances, seus contos, suas peças, jornalismo, suas crônicas, suas novelas, suas minisséries e seus filmes. A continuidade do trabalho revolucionário de Mário Filho e o seu próprio trabalho na crônica esportiva brasileira também foram dignos de serem eternizados.

### **Armando Nogueira**

Armando Nogueira, jornalista e cronista esportivo, foi responsável também pela criação do “Jornal Nacional”, ajudando no pioneirismo do jornalismo na Rede Globo, transmitindo em rede e ao vivo para todo o território brasileiro. Acreano e filho de cearenses, mudou-se para o Rio de Janeiro antes de atingir a maioridade, onde se formou em Direito, embora seu pensamento era o de ser jornalista.

Nos anos 50, foi trabalhar na editoria de esportes no “Diário Carioca”, jornal que possuía grandes nomes em sua redação. Nessa época, Armando aprendeu muito na convivência de grandes nomes como Prudente de Moraes Neto, Carlos Castello Branco, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Pompeu de Souza, Otto Lara Resende e outros. Seu primeiro ato de pioneirismo foi fazer uma reportagem narrada em primeira pessoa, um fato noticioso sobre a morte do jornalista Carlos Lacerda (o mesmo que brigou com Mário Filho), onde Armando foi testemunha ocular.

Além do Jornal Nacional, também ajudou na criação do Globo Repórter. Embora sua paixão sempre tivesse sido o esporte, em especial o futebol. A paixão era tamanha que entre 1954 e 2010, ano em que faleceu, Armando não deixou de cobrir nenhuma Copa do Mundo. Ele também participou da cobertura de todos os Jogos Olímpicos desde 1980.

Seu comprometimento era tamanho com qualquer esporte. Do mesmo jeito que o futebol sofreu preconceito em sua origem, Armando Nogueira buscava contemplar outros esportes também, buscando sempre os pontos positivos que fariam os olhos dos leitores brilharem.

Armando Nogueira escreveu sobre tênis, automobilismo, equitação e outros esportes olímpicos. Independente do esporte, um ponto o caracteriza e une os temas abordados, a valorização da genialidade, da capacidade do atleta de

---

superar as adversidades a partir do esforço e talento, porém sem esquecer do aspecto humano que envolve os mesmos. (BORGES, 2006, p. 137).

Além de comentarista esportivo na TV Cultura e TV Bandeirantes, trabalhou no canal por assinatura SporTV, onde apresentou o programa “Papo com Armando Nogueira” e participou frequentemente do “Esporte Real” e “Redação SporTV”. Ele também possuía um programa de rádio e marcava presença em outras estações, com comentários eventuais. Armando ainda escrevia na coluna esportiva “Na Grande Área”, reproduzida em mais de 60 jornais brasileiros. Seu prestígio dentro das redações sempre foi grande, indo além de sua visão jornalística.

Essa visão possuía um alto viés humano. O futebol não estaria alheio a isso, e assim era tratado com uma linguagem que poderia ser entendida por todo o mundo, unindo nações. A Copa do Mundo, no caso, teria o mesmo papel que as Olimpíadas tiveram em seu início, uma festividade em que as guerras eram proibidas. A Copa do Mundo proporcionava que várias nações, inclusive as ditas inimigas, conversassem por meio de um jogo de futebol. Além disso, a conquista do mundo era e é, até hoje, motivo de orgulho de uma nação inteira.

Suas crônicas sempre foram um espetáculo à parte. Costa; Neto; Soares (2007, p.19) falaram que “no jornalismo esportivo brasileiro, Armando Nogueira é um exemplo da construção da crônica poética, ficcional. Esse cronista usa ‘adjetivações valorativas, ritmo, jogo de imagens, subterfúgio da metáfora’”. Essas, com certeza, foram características que continuaram a tratar o futebol como algo mágico, de vida e alma própria.

Uma continuação do início da revolução começada por Mário Filho, respeitando a época em que cada um viveu seu ápice, apesar de Armando Nogueira ter alcançado um período em que a crônica teve um declínio. Morreu em 2010 e o Grupo Globo decidiu no mesmo ano colocar o nome do prêmio de melhor jogador de cada temporada do futebol brasileiro de Troféu Armando Nogueira, em sua homenagem.

## **ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTAS DESPORTIVOS**

Quando o futebol passava por um momento difícil, em seu início, até à década de 1930, em um momento ainda amador e sem grandes investimentos, foram os cronistas que deram um incentivo e uma visibilidade necessária para que os clubes continuassem pelo menos sobrevivendo com calendário de jogos.

A Associação dos Cronistas Desportivos (ACD), fundada em 1917, teve Mário Polo como primeiro presidente, e era uma associação forte pela influência na continuidade do futebol. “Enquanto o futebol seguia amador, a Associação de Cronistas Desportivos (ACD) promovia o Torneio Initium, no Rio de Janeiro. Iniciado em 1916, durou até 1977, com o objetivo de incentivar torcedores a acompanhar suas equipes no campeonato estadual” (COSTA; NETO; SOARES, 2007, p. 21).

A partir do momento em que o futebol e a mídia começaram a se profissionalizar para eventos esportivos melhores e com boas coberturas, a ACD começou a perder influência. Saindo do amadorismo, o futebol deixou de ser organizado pelos cronistas, ainda em 1923. E em 1933, já com Vargas e seu projeto nacionalista para o futebol, o futebol se tornou profissional.

Apesar de toda a importância que a crônica esportiva teve desde a origem do futebol, em um determinado momento outros meios surgiram falando sobre o esporte. A chegada da televisão na década de 1950 e o jornalismo esportivo dela, deu uma chacoalhada no cronismo esportivo. As rádios e os impressos perderam as forças, e, conseqüentemente, a crônica também.

Em um primeiro momento a crônica escrita continuou operando em alta, pois eram raros os lares que possuíam televisores e a qualidade ainda não era boa. O futebol e outros esportes também não tinham tanto espaço na televisão. Não é como hoje onde se tem jogos, no mínimo, duas vezes na semana. Apenas as partidas importantes eram televisionadas. A primeira Copa do Mundo a ser transmitida pela televisão no Brasil foi a de 1970, no México. A partir disso, o futebol conseguiu ter uma evolução maior na televisão comparando com outros meios de comunicação.

Enquanto uns diziam que a crônica estava se desfazendo por causa desse novo meio comunicador, outros ainda diziam que o nível dos cronistas havia decaído muito, tendo assim uma expressividade muito pequena em relação a mídia. “Com sua fase áurea, entre as décadas de 1950 e 1970, a crônica teria perdido sua força, talvez por dois motivos: o surgimento da televisão e a inexpressividade dos cronistas que surgiam”. (COSTA; NETO; SOARES, 2007, p. 21).

Armando Nogueira foi um dos últimos que se tornaram referência, junto com Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), que ainda escreve suas crônicas na Folha de S. Paulo. De fato, o jornalismo esportivo passou a ter um aspecto mais de entretenimento e cobertura de um evento do que crônica apaixonada que ajudou no folclore brasileiro.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um esporte que teve origem do povo, hoje é o mais praticado do mundo. Dessa forma, é possível concluir que a crônica esportiva permitiu a construção gradual de seu espaço na mídia e foi um pilar fundamental de crescimento do futebol, consolidando um esporte bretão no Brasil, que se tornou o país do futebol. Por ser um gênero literário com bastante liberdade, os cronistas tinham inúmeras alternativas e assuntos na fabricação de um texto. É incrível como que um esporte inglês combinou tão bem com um gênero literário francês em solo brasileiro.

Os mais variados cronistas de qualidade ao longo da história, cada um a sua maneira e em seu tempo, expressaram o que os jogos de futebol representam para a sociedade contemporânea. O futebol permitiu fatos novos e uma construção poética de acordo com a visão do cronista, com destaque para Mário Filho como o revolucionário, Nelson Rodrigues como o que deu continuidade, e Armando Nogueira como aquele que fez a transição para a televisão, que ajudou na queda da popularidade da crônica, junto com a inexpressividade dos novos cronistas.

A ajuda que a crônica brasileira deu para que o futebol crescesse a ponto de se profissionalizar, e exportar o futebol canarinho com todo o seu folclore e magia, nunca foi esquecida e a imprensa esportiva hoje honra a memória de todos aqueles que se colocaram à disposição para dar uma visão poética para os 22 jogadores correndo atrás de uma bola.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira.** Brasília. 2006.

COSTA, Felipe Rodrigues da; NETO, Amarílio Ferreira; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista.** Pensar a Prática 10/1: 15-31, jan./jun. 2007.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da história.** Movimento, vol. 10, núm. 3, Septiembre-diciembre. p. 99-111. Escola de Educação Física. Rio Grande do Sul, Brasil. 2004.

RICALDE, Douglas Neves. **A crônica esportiva de Nelson Rodrigues**. Porto Alegre. 2007.